

Mulheres que desenharam o Brasil: construindo uma memória política do país pelo traço de mulheres cartunistas

Luma Ohanna Rodrigues de Amorim¹
Manuela Rodrigues Fantinato²

Introdução

Entre as atividades laborais social e historicamente consideradas como trabalhos de mulheres, a historiadora Michelle Perrot, em sua obra

¹ Luma Ohanna Rodrigues de Amorim é mestra em Mídias Criativas pela UFRJ e mestranda em Memória Social pela Unirio; luma.rodrigues@edu.unirio.br.

² Manuela Rodrigues Fantinato é doutora em História Social da Cultura e possui pós-doutorado em Filosofia, ambos pela PUC-Rio. É pesquisadora de pós-doutorado em Memória Social pela Unirio; manu.fantinato@gmail.com.

Minha história das mulheres (2007), observa que, no imaginário coletivo das culturas ocidentais, encontram-se geralmente funções relacionadas ao ato de cuidar e de servir. São funções que são invisibilizadas e não-remuneradas e, quando acontecem nos espaços públicos, ocupam geralmente posições subalternas, mal-remuneradas e, por vezes, em contato com a insalubridade.

Atividades relacionadas ao trabalho intelectual, à oratória, à vida pública e política, às artes, como pintura, escultura, literatura e música, foram - e são, em grande medida, ainda nos dias atuais, compreendidas como trabalhos de homens. Em seu estudo sobre artistas e escritores no Renascimento, por exemplo, Peter Burke (2010) encontrou apenas três mulheres entre 600 personalidades, todas de proveniência nobre e ligadas à escrita, uma atividade que presumia tempo livre e era realizada em intimidade. Historicamente, às mulheres coube mais a posição de objetos, temas ou musas inspiradoras, não de sujeitos ativos, idealizadores e criadores. O que eram consideradas as mais nobres habilidades cognitivas e espirituais da humanidade, como a criação artística e literária, a oratória, a matemática, as ciências, a teologia, o exercício da política etc, eram, quase invariavelmente, atividades restritas aos homens. Como observa Norma Telles, em seu artigo na obra *História das mulheres no Brasil* (2004):

71

O discurso sobre a “natureza feminina”, que se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada, como força do bem, mas, quando “usurpadora” de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como potência do mal. (...) Por esse mesmo caminho, a criação foi definida como prerrogativa dos homens, cabendo às mulheres apenas a reprodução da espécie e sua nutrição. Tal qual um Deus Pai que criou o mundo e nomeou as coisas, o artista torna-se o progenitor e procriador de seu texto. À mulher é negada a autonomia, a subjetividade necessária à criação. (TELLES, 2004, p. 403)

A autora ainda nota que, para ir além de ser “musa inspiradora e criatura”, e assim “poder tornar-se criadora, a mulher teria de matar o anjo do lar (...)” (2004, p. 408), personagem referido por Virginia Woolf como a figura metafórica a representar a servidão feminina no ambiente doméstico (em referência ao poema de Coventry Patmore, 1823-1896). A mulher que almejasse tornar-se criadora, “teria de enfrentar a sombra, o outro lado do anjo, o monstro da rebeldia ou da desobediência” (TELLES, 2004, p. 408). Matar a figura fictícia do “anjo do lar” significava lutar por sua autonomia criativa, sua expressão artística e, em última instância, por sua voz e subjetividade. Segundo Woolf:

Se eu não a matasse, ela é que me mataria. Arrancaria o coração de minha escrita. Pois, na hora em que pus a caneta no papel, percebi que não dá para fazer nem mesmo uma resenha sem ter opinião própria, sem dizer o que a gente pensa ser verdade nas relações humanas, na moral, no sexo. E, segundo o Anjo do Lar, as mulheres não podem tratar de nenhuma dessas questões com liberdade e franqueza; se querem se dar bem, elas precisam agradar, precisam conciliar, precisam - falando sem rodeios - mentir. Assim, toda vez que eu percebia a sombra de sua asa ou o brilho de sua auréola em cima da página, eu pegava o tinteiro e atirava nela. Demorou para morrer. Sua natureza fictícia lhe foi de grande ajuda. É muito mais difícil matar um fantasma do que uma realidade. (WOOLF, 2013, p. 13)

Não apenas a educação e a criação artística foram negadas historicamente às mulheres, como também - e talvez, principalmente, - sua inserção na vida pública e política, e sua participação em cargos de decisão e poder. No Brasil, embora sejam maioria da população, as mulheres são minorias nos cargos políticos do país. As brasileiras conquistaram o voto feminino em 1932, depois das lutas das sufragistas inglesas, mas antes de muitos países, como a França. No entanto, sua participação no texto constitucional para a inclusão de direitos básicos como paridade salarial, direito à posse de terra ou licença maternidade se deu apenas com a Constituição de 1988. Apenas em 1962, com a promulgação do “Estatuto das mulheres casadas”, estritamente o referido grupo de mulheres passou a poder ter conta em banco, viajar só ou possuir comércio, e até mesmo ter um CPF próprio (BRASIL, 1962). Há ainda hoje, vivos em nossa cultura, reflexos de um pensamento do século XIX; sobre a época, Norma Telles lembra que não eram vistas

com bons olhos mulheres envolvidas em ações políticas, revoltas e guerras. As interpretações literárias das ações das mulheres armadas, em geral, denunciam a incapacidade feminina para a luta, física ou mental, donde concluem que as mulheres são incapazes para a política, ou que esse tipo de ideia é apenas diversão passageira de meninas teimosas que querem sobressair. (...) Excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior, as mulheres no século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou sobrados, mocambos e senzalas, construídos por pais, maridos, senhores. (TELLES, 2004, p. 407-408)

Contudo, as sociedades e culturas ocidentais trataram as mulheres racializadas de modo um tanto diferente do descrito por Telles, uma vez que, sobre seus corpos e suas subjetividades, para além da opressão de gênero, recaem também as opressões de raça e classe. Lélia González afirma

que a mulher “negra marca sua presença em todos os momentos importantes na luta, ao lado de seus companheiros, como é o caso da Revolta dos Malês, elas estavam todas lá, participando” (GONZÁLEZ, 2020). As mulheres negras, portanto, não estiveram apenas “trancadas, fechadas dentro de casas”, uma vez também que a sua relação com o trabalho se dá de modo diferente da relação das mulheres brancas. Enquanto estas lutavam pelo direito ao trabalho formal fora do ambiente doméstico, mulheres racializadas, em especial negras e indígenas, tiveram sua história marcada pela exploração do trabalho, tanto doméstico quanto rural e urbano, graças à permanência da herança escravista nas Américas. Nesse processo, foram expropriadas não apenas de sua inserção em certos espaços sociais, mas de sua subjetividade e autonomia, e, com elas, de sua humanidade. A ideia de “fragilidade” direcionada às mulheres não se aplicava às mulheres racializadas, de modo a legitimar sua exploração laboral, física e sexual, conforme destaca Lélia González:

Enquanto escravas do eito, ninguém melhor do que a mulher para estimular seus companheiros para a fuga ou a revolta - trabalhando de sol a sol, subalimentada e, muitas vezes, cometendo o suicídio para que o filho que trazia no ventre não tivesse o mesmo destino que ela. (...) Enquanto mucama, cabia-lhe a tarefa de manter, em todos os níveis, o bom andamento da casa grande: lavar, passar, cozinhar, fiar, tecer, costurar e amamentar as crianças nascidas do ventre “livre” das sinhazinhas. E isso sem contar com as investidas sexuais do senhor branco que, muitas vezes, convidava parentes mais jovens para se iniciarem sexualmente com as mucamas mais atraentes. (GONZÁLEZ, 2020, p. 306)

No Brasil contemporâneo, em que o papel social, político e cultural das mulheres em toda sua diversidade tem sido revisto, recriado, reimaginado, não apenas mulheres brancas, como também negras, indígenas e amarelas engajam-se em movimentos revolucionários na sociedade, nas artes e na cultura. Assim despontam como criadoras, artistas, políticas, lideranças, escritoras, acadêmicas, musicistas, devido aos avanços de direitos conquistados ao longo das últimas décadas pelos movimentos sociais, como o movimento feminista, o movimento negro, o movimento indígena e o movimento LGBTQIAPN+. Nas palavras de Hélène Cixous, “O imaginário das mulheres é inesgotável, como a música, a pintura, a escrita: sua cascata de fantasmas é incrível” (2022, p.42). No entanto, outro tipo de fantasma ainda assombra e acorrenta as mulheres ao passado; os avanços nos direitos e representações são intercalados com retrocessos que se dão simultaneamente, notáveis pelos ainda alarmantes números de casos de violência sexual, violência doméstica e feminicídios.

Em seu artigo inicialmente publicado em 1971, intitulado *Por que não houve grandes mulheres artistas?*, Linda Nochlin afirma que tentativas

de resgatar nomes de mulheres artistas esquecidas ou apagadas pela história oficial das belas artes, apesar de “esforços válidos para somar conhecimento sobre as conquistas femininas e para a história da arte em geral”, “não fazem nada para questionar a hipótese atrás da pergunta” que dá nome ao artigo. Para Nochlin, “ao tentar respondê-la, elas tacitamente reforçam suas implicações negativas” (2021, p.24-26, tradução nossa). A verdadeira questão, para a autora, reside em terem sido negadas historicamente às mulheres as condições sociais e materiais que propiciam o surgimento de grandes artistas, visto que:

nas artes, como em centenas de outras áreas, são entediantes, opressivas e desestimulantes para todos aqueles que, como as mulheres, não tiveram a sorte de nascer brancos, preferencialmente classe média e acima de tudo homens. A culpa não está nos astros, em nossos hormônios, nos nossos ciclos menstruais ou em nosso vazio interior, mas sim em nossas instituições e em nossa educação (...). Na verdade, o milagre é, dadas as esmagadoras chances contra as mulheres ou negros, que muitos destes ainda tenham conseguido alcançar absoluta excelência em territórios de prerrogativa masculina e branca como a ciência, a política e as artes. (NOCHLIN, 2021, p.30, tradução nossa)

74

No entanto, é inegável o fenômeno do esquecimento e do apagamento histórico que recai sobre as mulheres artistas. Para a historiadora Natania Nogueira, “tanto a memória quanto a história adotam o esquecimento como uma forma de selecionar aquilo que deve ou precisa ser lembrado” (2019, p. 04). Segundo François Hartog, “toda história, seja qual for finalmente seu modo de expressão, pressupõe, remete a, traduz, trai, enaltece ou contradiz uma ou mais experiências do tempo” (2013, p. 39). Deste modo, é possível construir novas possibilidades de “produção de histórias” a partir das novas “relações respectivas do presente, do passado e do futuro”, considerando as novas configurações das relações de gênero na sociedade brasileira, de modo a não mais fundamentar o imaginário social em uma narrativa histórica que “trai” a participação feminina enquanto sujeito político, nas artes e na cultura, e assim exercitar a tarefa benjaminiana de escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 1985).

Uma das linguagens artísticas que unem o exercício criativo da expressão gráfica à produção de discursos sociais e políticos - ambos negados historicamente às mulheres -, é o humor gráfico (charges, tiras, cartuns, caricaturas) ou desenho de humor. Como ironiza a cartunista Fabiane Langona em entrevista ao site da editora Mórula, em 2016, “Cartunista é do mal, ferino, ataca, cutuca feridas. Não parece uma profissão

adequada a seres tão delicados e polidos”.³ Deste modo, é possível afirmar que a mulher cartunista, desafia dois preconceitos do senso comum - que as mulheres não têm talento nem para o desenho de humor e nem para a política.

No entanto, no Brasil, o humor gráfico historicamente caracterizou-se por estar na vanguarda de movimentos de mudanças social, política e cultural, como, no século XIX, revistas satíricas como os periódicos *Revista Illustrada*, *A vida fluminense*, *O Cabrião* e *O Diabo Coxo* - neste último, o artista Angelo Agostini e o intelectual e advogado Luís Gama se opuseram à monarquia e defenderam a abolição do regime escravista; e também no século XX, nos periódicos *Ovelha Negra*, *Pif Paf* e *O Pasquim*, em que artistas e intelectuais como Nani, Laerte, Millôr, Luis Fernando Veríssimo, Jaguar, Ziraldo, Henfil e Claudius se opuseram à ditadura militar.

O papel da imprensa como formadora da opinião pública opera de tal modo que os grandes veículos, financiados pelas grandes corporações, refletem os interesses ideológicos das elites por trás dos editoriais e, que, por sua maior força e capacidade de disseminação social e cultural, alcançam e influenciam maiores segmentos da sociedade em números gerais; enquanto a imprensa independente, muitas vezes oriunda de coletivos como sindicatos e associações, refletem pensamentos e interesses da classe trabalhadora, mas não possuem o mesmo poder de alcance na sociedade. Para Moten e Harney, este último grupo pode ser compreendido como os autores de “um pensamento do fora, um não lugar chamado sobcomuns”, habitantes de “espaços caracterizados exatamente por não terem espaço” (MOTEN e HARNEY, 2024, p. 31-33).

A partir deste não-lugar da mulher como sujeito político dotado de subjetividade, é que este trabalho pretende realizar o que poderia ser uma leitura de momentos políticos e históricos decisivos do Brasil a partir do olhar de mulheres cartunistas, compreendendo o desenho de humor como um refúgio para a expressão do pensamento político sem lugar das mulheres, e como um espaço de memória das mulheres (NOGUEIRA, 2019).

Dantas afirma que, “Para os historiadores, a Charge ganhou *status* de documento histórico por traduzir circunstâncias de uma época” (DANTAS, 2024, p.23); deste modo, buscamos investigar o que as charges produzidas por mulheres podem informar sobre o que tem sido a história do país, não abdicando de análise sobre os aspectos subjetivos que moldaram a identidade de tais mulheres no que diz respeito às categorias de raça e

³ Publicada em: 23 de maio de 2016. Disponível em: <https://morula.com.br/ptsc/ptsc-20-chiquinha/>

classe, que, consequentemente, também forjaram sua visão de mundo, expressas em suas produções artísticas.

A partir de fontes como os jornais *Nós, mulheres*, *Brasil Mulher*, *Tribuna da Imprensa* e *Folha de São Paulo*, além de publicações realizadas na rede social *Instagram*, refletimos sobre os seguintes momentos históricos e políticos relevantes à história recente do país, da segunda metade do século XX ao começo do século XXI: a Ditadura Militar, abrangendo o período entre 1964 e 1985; a Era Bolsonaro e Pandemia de *COVID-19*, considerando o período de 2018 a 2022.

76

É possível identificar uma espécie de *continuum* simbólico entre a ditadura militar do final do século XX e o período recente do governo de Jair Bolsonaro, ele mesmo um capitão do exército. Em um cenário de cicatrizes abertas frente à demora de décadas para que se iniciasse um esforço nacional para a construção de uma política de memória e justiça às famílias dos mortos e desaparecidos, além de uma anistia que beneficiou algozes, o ideário militar do período 1964-1985 continuou a dar frutos ideológicos e simbólicos. Como resultado, o Brasil viu a ascensão de uma extrema-direita que se apoiava em discursos de ódio, negacionismo científico e relativização de inúmeras violências. Pode-se afirmar que tal retrocesso foi também um processo impulsionado pelo ressentimento de grupos socialmente privilegiados que, pela primeira vez na história do Brasil, hoje podem ver grupos historicamente excluídos em ascensão sócio-econômica e crescendo em representação social, cultural e política - resultado de décadas de organização e lutas aguerridas de diversos movimentos sociais.

Tal cenário culminou no fenômeno de um político que homenageou um militar torturador em pleno Congresso nacional ter sido alçado, através do voto democrático, à presidência nacional. Entre as pautas colocadas em prática, há o desmonte de políticas públicas, especialmente aquelas ligadas à cultura, educação e direitos humanos. Um dos grupos mais atacados em seus direitos foi o feminino, não coincidentemente, um dos grupos menos representados politicamente, que representou o menor contingente de votos de Jair Bolsonaro.

Neste trabalho, partimos da análise das produções das ilustradoras, cartunistas e quadrinistas pioneiras que enfrentaram os anos de chumbo tendo suas personagens e balões de fala como armas – e que publicaram seus desenhos em uma imprensa tradicional e uma imprensa alternativa também dominadas pelos homens – traçando um paralelo com as desenhistas políticas dos tempos atuais, em que as redes sociais são utilizadas por movimentos sociais e por artistas independentes como ferramentas de autopromoção e divulgação de suas produções (MESSIAS,

2018). Trata-se de tempos em que a linguagem dos quadrinhos e do humor gráfico tem se revelado um meio para o exercício de um pensamento social crítico e de registro de uma memória política por parte de artistas mulheres (NOGUEIRA, 2019) que expõem com seus traços as suas dores, denúncias, reflexões, prazeres, dilemas, questionamentos e inquietações, unindo a autobiografia a leituras da conjuntura social - demonstrando novamente que “o pessoal é político” (HANISCH, 1969), como o fizeram as feministas dos anos 1970. Deste modo, este trabalho busca traçar o caminho da produção de discursos políticos pelas mulheres cartunistas de ontem e de hoje, observando seu enfrentamento aos autoritarismos e negacionismos que se repetem como ciclos na História, para posicionar tais artistas como pensadoras sociais e intérpretes do Brasil.

A DITADURA MILITAR BRASILEIRA, PELOS OLHARES DE CIÇA, HILDE WEBER E CONCEIÇÃO CAHÚ - SÉCULO XX

O período de 1964 a 1985 no Brasil foi marcado pela resistência de vários setores da sociedade frente às perseguições políticas e violações de direitos humanos, em especial aos artistas. Entre os chargistas, são amplamente conhecidos nomes que enfrentaram o regime com seus desenhos de humor em publicações independentes e inclusive passaram por prisões políticas devido à censura, principalmente após o AI-5, como Ziraldo, Jaguar, Claudius e Henfil.

77

Contudo, mulheres cartunistas como Ciça, na *Folha de São Paulo*, Hilde Weber, no jornal *Tribuna da Imprensa*, e Conceição Cahú, nos jornais independentes *Nós, mulheres* e *Brasil Mulher* - muito mais desconhecidas que seus pares masculinos pelo público geral e até mesmo entre os profissionais da área dos quadrinhos -, também representaram através do humor gráfico resistência contra o regime militar. Isso é verificável não apenas a partir de suas criações individuais, mas também de certa forma como parte do alinhamento político e editorial dos referidos jornais, que permitiam a publicação das criações subversivas das cartunistas até onde lhes convinha, especialmente no caso dos jornais maiores, de imprensa tradicional.

Ciça, por exemplo, conta como, na *Folha de São Paulo*, onde atuou por 25 anos como cartunista, recebeu algumas represálias no período. Em entrevista concedida em 01 de Setembro de 2025, em sua casa, em São Paulo, ela diz:

Entrevistadora (Luma): Queria perguntar um pouco sobre alguns dos seus personagens e o momento histórico em que eles surgiram, por exemplo, o Pato e os personagens do Formigueiro.

Ciça: Os personagens do Formigueiro eram bem políticos mesmo, porque tinha a rainha, e tinha um personagem que não aparecia nunca, mas ele era falado, que era um gambá, que morava dentro do Formigueiro. E esse gambá era, obviamente, o que temos até hoje (risos). Vamos dizer que o gambá continua aí, né. E aí, era isso, as formigas eram os militares, que tinham muita atuação na ditadura, foi meio durante a ditadura, durante vários anos a gente conviveu, né, meus personagens e a ditadura. E eu recebi, não era assim uma censura, era falada, não era escrita, eu fui chamada umas duas vezes, falaram assim ‘olha, baixa a bola, baixa a bola, não pode fazer isso’. Eu continuava fazendo e de vez em quando eles não publicavam. E, na verdade, eu sei que meu nome tava numa lista meio mais ou menos, mas tinha também uma coisa, eu acredito que os militares, na época, não queriam ser comparados a formigas, então, por aí (risos), se eu tivesse feito gente, era diferente, mas como eram formigas, formigas de quepe e tal, mas tudo bem (risos), ficou por isso mesmo. (PINTO, 2025, transcrição de trecho da entrevista em áudio)



Figura 1: Tirinha de Ciça, da coletânea “Pagando o pato”, que reúne suas produções de 25 anos de atuação como cartunista na *Folha de São Paulo* e em outros jornais



Figura 2: Tirinha de Ciça, publicada no livro “O Pato no Formigueiro - 2”, uma coletânea editada pela Editora Codecri, do *Pasquim* – Blog do LOR



Figura 3: Tirinha de Ciça, publicada no livro “O Pato no Formigueiro - 2”, uma coletânea editada pela Editora Codecri, do *Pasquim* – Blog do LOR

Além da *Folha de S. Paulo*, Ciça também publicou suas tirinhas nos jornais independentes *Nós, Mulheres* (1976-1978), *Brasil Mulher* (1975-1980) e *Mulherio* (1981-1989), periódicos à esquerda do espectro político, que traziam em suas pautas questões relacionadas aos direitos e conquistas das mulheres, bem como o pensamento feminista que se desenvolvia à época, frente aos desafios enfrentados pelas mulheres trabalhadoras durante a ditadura militar. Em tais jornais, Ciça desenvolveu a personagem *Bia Sabiá*, que explorava as desigualdades cotidianas de gênero, como a dupla e tripla jornada de trabalho das mulheres e o confinamento da subjetividade feminina ao espaço doméstico, a exemplo das tiras abaixo, publicadas entre os anos de 1976 e 1977 no jornal *Nós, mulheres*.

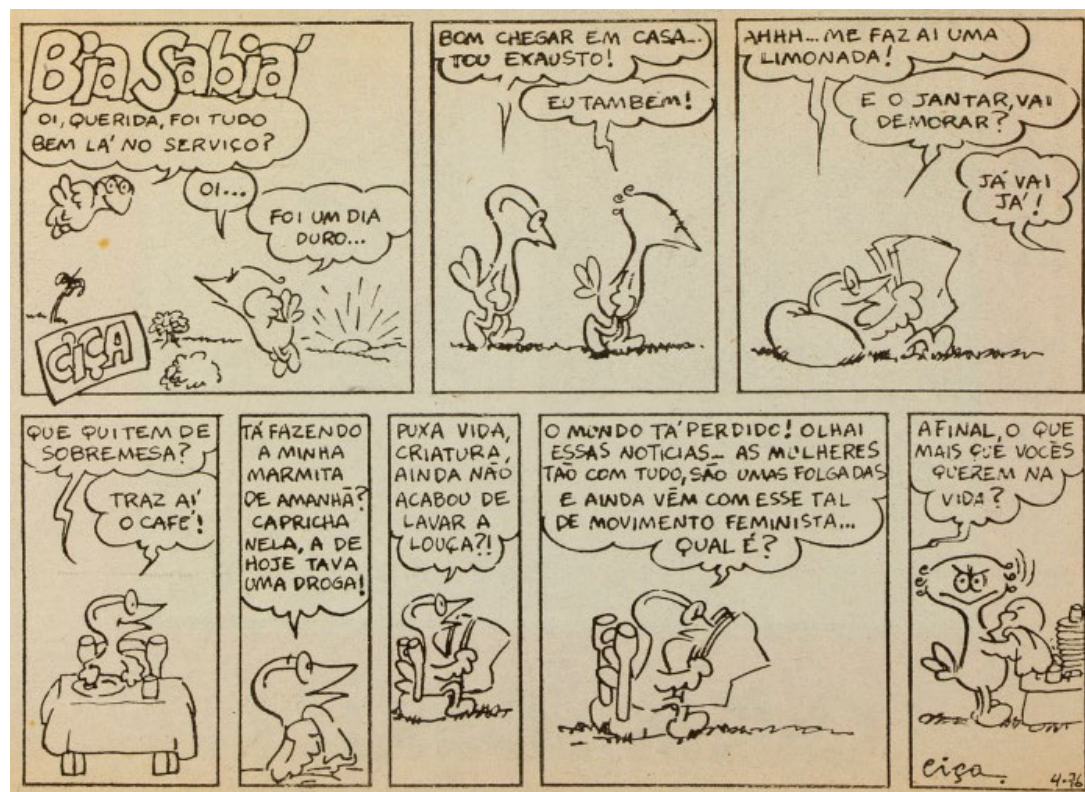


Figura 4: Tirinha de Cica, publicada no jornal *Nós, mulheres*, n. 1, jun. 1976 – Acervo da Fundação Carlos Chagas

80



Figura 5: Tirinha de Cica, publicada no jornal *Nós, mulheres*, n. 4, mar./abr. 1977 - Acervo da Fundação Carlos Chagas

Hilde Weber, prolífica cartunista de origem alemã, foi atuante no jornal *Tribuna da Imprensa*, de propriedade de Carlos Lacerda; portanto, o jornal e as charges de Hilde dos anos anteriores à ditadura militar de 64 adotaram uma postura editorial profundamente anti-getulista, anti-peronista e anti-comunista. Contudo, durante o regime militar, apesar da linha ideológica original do jornal e das charges publicadas por Hilde Weber, também houve oposição ao regime militar. À época, já “sob outra direção”,

o jornal “também rompeu com a ditadura militar e sofreu a ação da censura” (MEMORIAL DA DEMOCRACIA, 2015-2017).

A exemplo das produções da cartunista no referido período, destacam-se uma charge de 1967 combativa à censura sofrida pelos veículos de imprensa, com a promulgação da ‘Lei de Imprensa’ pelo general Castelo Branco; uma charge de 1979, sobre a relação de saudosismo dos articuladores políticos Golbery do Couto e Silva e de Petrônio Portella com o Ato Institucional N°5 (AI-5), revogado em 1978 durante o governo Geisel; e uma de 1982, sobre o uso da Lei de Segurança Nacional para perseguição política à imprensa pelo general Figueiredo.



Figura 6: Charge de Hilde Weber criticando a ‘Lei de Imprensa’ promulgada pelo general Castelo Branco; 1967 – WEBER, Hilde. *O Brasil em charges: 1950-1985*

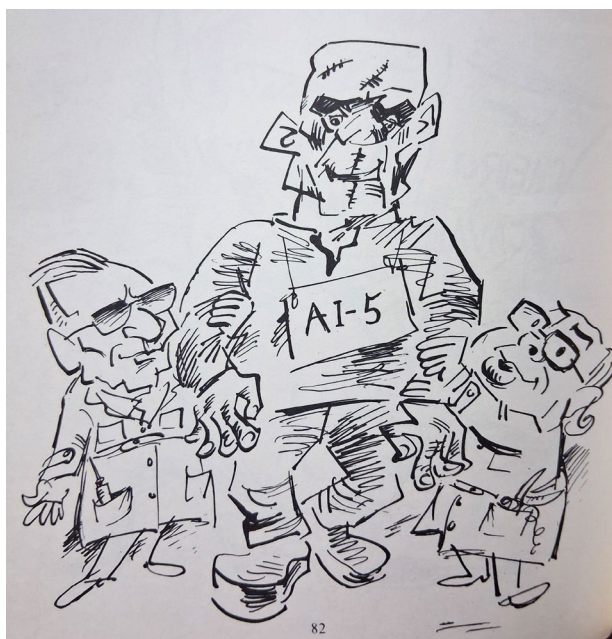


Figura 7: Charge de Hilde Weber, explora a relação de Golbery do Couto e Silva e de Petrônio Portella com o monstro do AI-5; 1979 - WEBER, Hilde. *O Brasil em charges: 1950-1985*

82



Figura 8: Charge de Hilde Weber, sobre o uso da Lei de Segurança Nacional para censura à imprensa, no governo Figueiredo; 1982 - WEBER, Hilde. *O Brasil em charges: 1950-1985*

Destaca-se também uma charge criticando uma declaração do general João Figueiredo em 1978, que alegou preferir sentir cheiro dos seus

cavalos do que o cheiro do povo (FOLHA DE SÃO PAULO, 2000), e outras duas charges a respeito do movimento pelas eleições diretas que tomava força em 1984, protagonizado por diferentes setores da sociedade civil, e que ameaçava o último general na presidência, João Figueiredo, do Partido Democrático Social (PDS), oriundo da ARENA.



83

Figura 9: Charge de Hilde Weber, criticando declaração do general Figueiredo; 1978 – WEBER, Hilde.

O Brasil em charges: 1950-1985



Figura 10: Charge de Hilde Weber, durante o movimento pelas eleições presidenciais diretas; 1984 - WEBER, Hilde. *O Brasil em charges: 1950-1985*



Figura 11: Charge de Hilde Weber; 1984 – WEBER, Hilde. *O Brasil em charges: 1950-1985*

84

Maria da Conceição de Souza Cahú, ou simplesmente Cahú, mulher negra, natural do estado de Pernambuco, foi uma importante ilustradora editorial e quadrinista, que atuou em diversos veículos na grande imprensa e na imprensa alternativa. Produziu cartazes para movimentos populares; na cidade de São Paulo atuou como ilustradora para a editora Abril (como nas revistas *Placar*, *Cláudia* e *Capricho*) e outros veículos como *Folha de S. Paulo* e *Gazeta Mercantil*, nas áreas política, esportiva e cultural; e como capista e quadrinista para jornais independentes e politicamente engajados, como *Brasil Mulher* e *Nós, mulheres*, assumindo, neste último, também a função de editora.

Em sua charge de 1976 destacada abaixo para a edição de nº 1 do jornal *Nós, mulheres*, aborda o tema da dupla exploração das mulheres trabalhadoras e donas de casa, em um artigo intitulado *Lugar de fogão não é só na cozinha*. Em seguida, na história em quadrinhos de 1978, criada para a edição nº 11 do jornal *Brasil Mulher*, Cahú convoca as mulheres trabalhadoras para o I Congresso da Mulher Metalúrgica, somando-se aos movimentos grevistas do ABC paulista durante o regime militar.

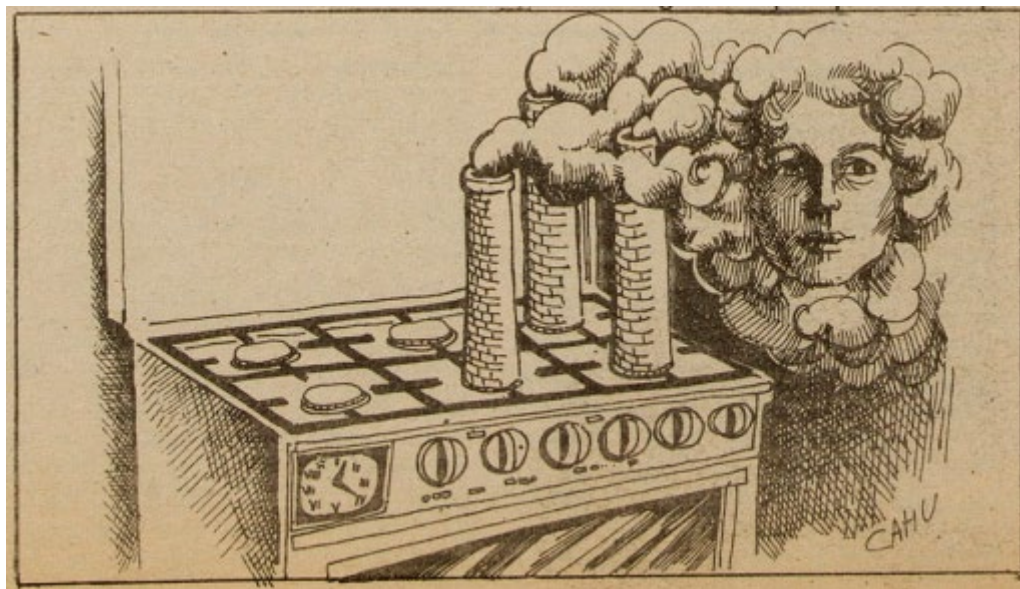


Figura 12: Charge da artista Conceição Cahú, ilustradora, quadrinista e editora, na edição de nº. 1 do jornal *Nós, mulheres*, de 1976 - Acervo da Fundação Carlos Chagas

85



Figura 13: Duas primeiras páginas de história em quadrinhos da artista Conceição Cahú, na edição de nº. 11 do jornal *Brasil Mulher*, de 1978 – Acervo do site *Memórias da Ditadura*

Na história em quadrinhos “Um dia na vida de Júlia” publicada na edição nº. 9 do jornal *Brasil Mulher*, em 1977, Cahú aborda a temática da sobrecarga de trabalho dentro e fora de casa que aflige as mulheres da classe trabalhadora, em uma narrativa gráfica que descreve com sensibilidade um cenário que se estende até os dias de hoje, quando o país se reúne em torno da discussão do fim da escala 6x1 de trabalho. Assim, segundo a historiadora Cintia Lima Crescêncio (2021), “Cahú abre a porta para estabelecer reflexões e pontes com milhões de mulheres que compartilham da jornada exaustiva de Júlia e demonstra bastante familiaridade com a vida doméstica e pública das mulheres trabalhadoras brasileiras.”

86



Figura 14: História em quadrinhos de Conceição Cahú, “Um dia na vida de Júlia”, publicada em 1977, na edição de nº. 9 do jornal *Brasil Mulher* - Acervo da Fundação Perseu Abramo

Abaixo, em editorial presente na edição de nº 4 do mesmo jornal, Cahú aborda a criação de uma coluna (que infelizmente não continuou nas edições seguintes do jornal) de humor gráfico feito por mulheres, colocando em pauta a qualidade artística e a invisibilização sofrida pelas cartunistas, apresentando tiras e charges de artistas como Ciça e Mariza, que atuaram na *Folha de S. Paulo*, além de descrever uma entrevista com Hilde Weber, em um gesto de valorização da produção feminina da época.

O nosso objetivo é criar uma página de humor dentro do nosso jornal, contínua, e, obviamente, alegre embora nem sempre o humor seja alegre. Os cartunistas brasileiros são excelente (sic), mas devido ao mercado estreito e solapado pelo similar estrangeiro (sic), em concorrência francamente desleal (“cobra preço de banana”) não tem tido muitas oportunidades de explorar seu potencial, fundamental na criação de uma cultura num país como este nosso; daí que, quantos mais páginas, revistas, livros de humor brasileiro, do povo brasileiro, melhor. Bom, dentre os conhecidos humoristas brasileiros, existem mulheres cujo trabalho de alto nível, colecionamos para iniciar esta série. Começamos com Hilde Weber, que nos contará sua experiência, já que pioneira. (CAHÚ, *Nós, Mulheres* nº 4, 1977)

87



Fundação Carlos Chagas

É interessante observar que algumas quadrinistas, como Cahú, mesmo em suas ilustrações editoriais representam uma narrativa gráfica visual sequencial, ainda que sem os requadros característicos da linguagem dos quadrinhos, como na ilustração que acompanha a reportagem “*Mamãe, me conta como é o Brasil*”, publicada em 1978 na edição de nº 8 do jornal *Nós, mulheres*. Surge aí o tema do exílio a partir da representação de elementos da cultura brasileira, regionais e nacionais, como a musicalidade, a fauna e flora, o futebol e o carnaval, entrelaçados a um grande arame farpado.



Figura 16: Ilustração editorial de Conceição Cahú na edição de nº 8 do jornal *Nós Mulheres*, de 1978, com o título “*Mamãe, me conta como é o Brasil: brasileiras no exílio contam o sofrimento dos longos anos de ausência forçada e esperam, atentas, o momento da volta. A anistia.*” - Acervo Fundação Carlos Chagas

A seguinte história em quadrinhos, intitulada “Pilulinhas porretas!”, Cahú aborda a temática do controle de natalidade de mulheres pobres e

periféricas, problematizado pelas feministas da época por ter sido utilizado como método eugenista, sob o pretexto da liberdade sexual feminina. Crescêncio (2021) observa o aspecto visual das personagens, “mulheres simples, muito magras, grávidas e de lenços na cabeça”, ressaltando a pobreza como “uma dimensão importante das representações” da artista. Nesta narrativa gráfica,

mulheres mães, pobres e faveladas são interpeladas por um grupo de três pessoas, duas mulheres com cabelos arrumados, acessórios, vestidos estampados, uma delas uma mulher gorda, e um homem engravatado. O grupo apresenta-se como representante do Programa de Saúde Materno-Infantil, do Ministério da Saúde, e a proposta, apresentada como “boa notícia”, é a distribuição de 1.500 caixas de anticoncepcional para evitar gravidez e fome. Muito rapidamente a sugestão é recusada pelas mulheres que, em resposta, organizam-se em uma associação para lutar por postos de saúde, escolas, melhores salários e conforto na favela. O cenário descrito é bastante conhecido na história dos feminismos brasileiros e latinoamericanos. A pílula anticoncepcional, celebrada por garantir às mulheres o controle de sua natalidade, foi utilizada em países “subdesenvolvidos” para controlar corpos de mulheres pobres, faveladas, em grande parte, negras. (CRESCÊNCIO, 2021)



Figura 17: História em quadrinhos “Pilulinhas porretas!” de Conceição Cahú, publicada na edição de nº. 13 do jornal *Brasil Mulher*, em 1978 - Acervo Fundação Perseu Abramo

A ERA BOLSONARO E A PANDEMIA DE COVID-19 PELOS OLHARES DE LAERTE, CIÇA, MARÍLIA MARZ E CAROL ITO - SÉCULO XXI

Durante os quatro anos do governo Bolsonaro, o que incluiu o período da pandemia de *COVID-19*, chargistas por todo o país ocuparam as redes sociais utilizando o humor gráfico como ferramenta de crítica social. O cartunista Aroeira foi perseguido politicamente após publicar uma charge criticando a postura negacionista de Bolsonaro, que defendeu invasões de hospitais pela população para fiscalizar o que acreditava ser uma farsa de mortes.



Figura 18: Charge que causou a perseguição política do cartunista Aroeira, bem como um movimento de cartunistas nas redes sociais que realizavam releituras da charge, em defesa do artista. Fonte: Reprodução do perfil de Aroeira na rede social *Instagram*. 2021.

Entre as mulheres, diversas cartunistas se destacaram por sua atuação no período, como Carol Ito, Helô D'Angelo, Marília Marz, Paula Villar, Laerte e Carol Cospe Fogo, algumas inclusive produzindo críticas cartunizadas ao bolsonarismo em veículos de imprensa como a *Folha de São Paulo*.

91

Laerte, mulher trans e cartunista de incontestável relevância histórica para o humor gráfico nacional, destacou-se no período pelas denúncias contra o autoritarismo, os discursos de ódio e o negacionismo das medidas e pronunciamentos governamentais durante o período da pandemia de *COVID-19*. Assim como Aroeira, também sofreu perseguição política por sua produção, tendo sido alvo de processo judicial. A Associação de Oficiais Militares do Estado de São Paulo em Defesa da Polícia Militar (Defesa PM) entrou com ação contra a *Folha de São Paulo* e os cartunistas Laerte, João Montanaro, Alberto Benett e Cláudio Mor pela publicação de charges críticas à ação da polícia militar de São Paulo que deixou nove mortos em Paraisópolis, em 2019; a Associação pediu esclarecimentos criminais por considerar as charges “constrangedoras” aos seus associados. Laerte recebeu o 42º prêmio ‘Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos’ na categoria ‘Melhor Arte’, pela charge indicada no processo.

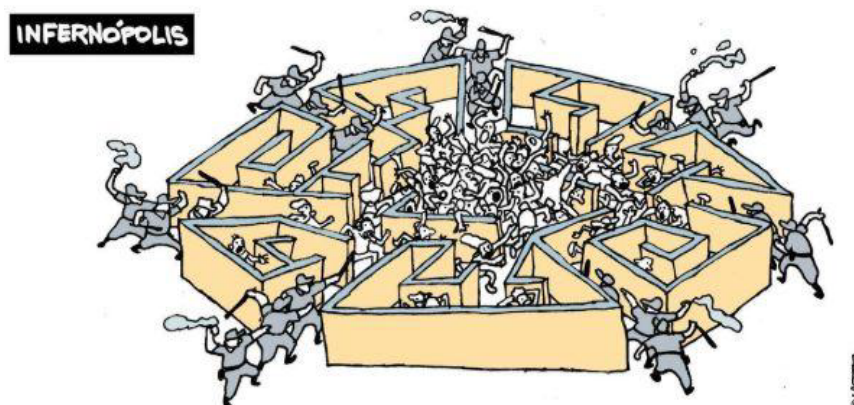


Figura 19: Charge de Laerte agraciada com o prêmio ‘Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos’ na categoria ‘Melhor Arte’, e alvo de ação judicial por Associação de policiais militares; publicada originalmente na Primeira Página da Folha em 03 de Dezembro de 2019. Fonte: Reprodução do perfil da *Folha de São Paulo* na rede social *Instagram*

92

Nas obras abaixo, Laerte traduz visualmente os rastros de destruição e mortes evitáveis causadas pela postura negacionista do governo Bolsonaro ao longo da pandemia de Covid-19. Em uma das charges, a autora denuncia o que considera um “Plano nacional”.

Laerte sintetiza em suas charges e tiras um cenário em que a negligência na condução do enfrentamento à pandemia (BOEHM, 2025) em razão da discordância ideológica do ex-presidente sobre as medidas recomendadas pelos cientistas e especialistas em saúde pública, de escândalos envolvendo o atraso na compra de vacinas à época (ACCIOLY, 2021) e das sucessivas trocas de Ministros da Saúde, prejudicaram um combate sistêmico e eficaz à disseminação do vírus, o que provocou mais de 700 mil de mortes. Há estudos que indicam que de 350 a 400 mil dessas mortes poderiam ter sido evitadas (AGÊNCIA SENADO, 2021; CEBES, 2023; MAAKAROUN, 2023).



Figura 20: Charge de Laerte publicada em seu perfil na rede social *Instagram*. 2022.

93



Figura 21: Charge de Laerte publicada em seu perfil na rede social *Instagram* em 09 de julho de 2021.



Figura 22: Charge de Laerte publicada em seu perfil na rede social *Instagram* em 11 de janeiro de 2021.

Além da crise de saúde pública, Laerte aborda também o cenário de devastação ambiental no país e o genocídio dos povos indígenas, agravados por medidas do governo, por parte do próprio ex-presidente e por ministros como Ricardo Salles, que esteve à frente do Ministério do Meio Ambiente (G1, 2020). Também o aumento vertiginoso da população em situação de insegurança alimentar foi destacado pela artista como um fenômeno intensificado durante a pandemia de COVID-19.

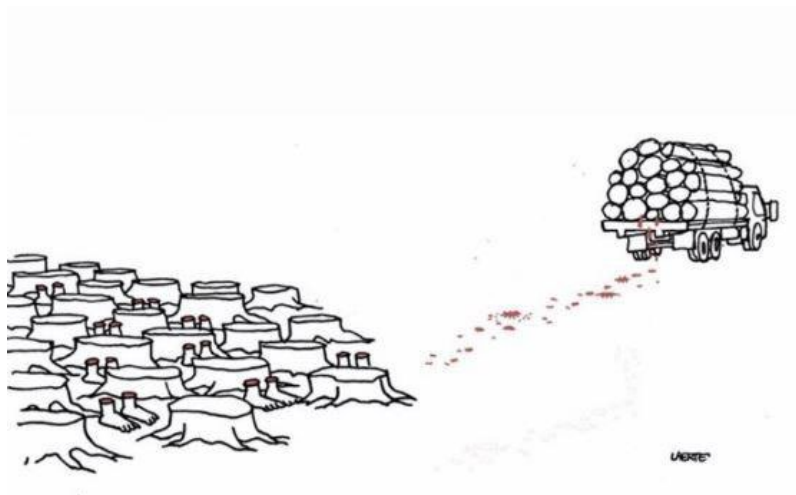


Figura 23: Cartum de Laerte publicado em seu perfil na rede social *Instagram* em 11 de maio de 2020.

94

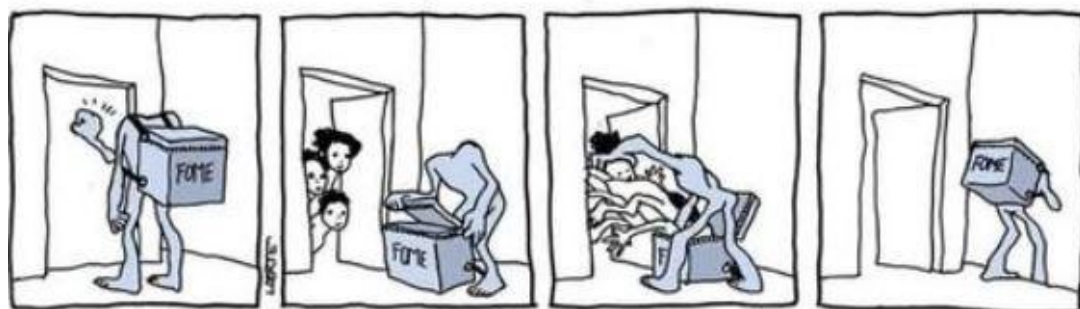


Figura 24: Tirinha de Laerte publicada em seu perfil na rede social *Instagram* em 04 de dezembro de 2021.

Em 2020, a cartunista Ciça, aos seus 80 anos de idade, após muitos anos longe do humor gráfico, retoma seus icônicos personagens, o Pato e as formigas, a pedido da *Folha de São Paulo*, para criticar o autoritarismo e negligência característicos do então governo, assim como fez durante a ditadura militar, retratando o cenário político brasileiro através de animais, e comparando os militares a formigas.



Figura 25: Tira de Cica feita exclusivamente para o caderno *Folha*, 99; *Folha de S.Paulo*, 23 fev. 2020.

Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>.

Marília Marz, arquiteta, ilustradora, quadrinista e chargista negra, natural da cidade de São Paulo, tem em suas principais temáticas de trabalho as dinâmicas das relações raciais e de gênero no contexto urbano e periférico. Em seu trabalho de conclusão do curso de Arquitetura, produziu o livro em quadrinhos *Indivisível*, uma narrativa gráfica sobre a história da origem negra esquecida do bairro da Liberdade, na cidade de São Paulo. Marília foi a segunda mulher a desenhar ao vivo no programa jornalístico *Roda Viva*.

95

Marília, como chargista para a *Folha de São Paulo*, produziu durante o governo Bolsonaro as obras selecionadas abaixo: uma em que critica as contradições do ex-presidente, que na frente das câmeras adotava postura vitimista enquanto simultaneamente conspirava contra o Estado Democrático de Direito, e outra sobre o esquema de corrupção na compra de vacinas contra o coronavírus pelo então governo.



Figura 26: Charge de Marília Marz, publicada na *Folha de São Paulo*, em 18 de novembro de 2022. Reprodução do perfil de Marília Marz na rede social *Instagram*



Figura 27: Charge de Marília Marz, publicada na *Folha de São Paulo*, em 10 de julho de 2021.

Reprodução do perfil de Marília Marz na rede social *Instagram*

96

Marília, em suas charges para a *Folha de São Paulo*, também publicadas em seu perfil na rede social *Instagram*, abordou ainda temas como o negacionismo em relação à crise sanitária e a desinformação disseminada pelo ex-presidente durante suas *lives* no *YouTube*, em que fazia pronunciamentos a seu séquito, bem como retratou a subserviência desta parcela da sociedade diante das declarações do presidente e dos militares no governo - ainda que fossem contrárias às recomendações dos cientistas, e o atraso na distribuição nacional das vacinas contra o vírus.



Figura 28: Charge de Marília Marz, publicada na *Folha de São Paulo* em 30 de outubro de 2021 e publicada em seu perfil na rede social *Instagram* em 03 de novembro de 2021



Figura 29: Charge de Marília Marz, publicada na *Folha de São Paulo* em 01 de maio de 2021 e publicada em seu perfil na rede social *Instagram* em 05 de maio de 2021

97

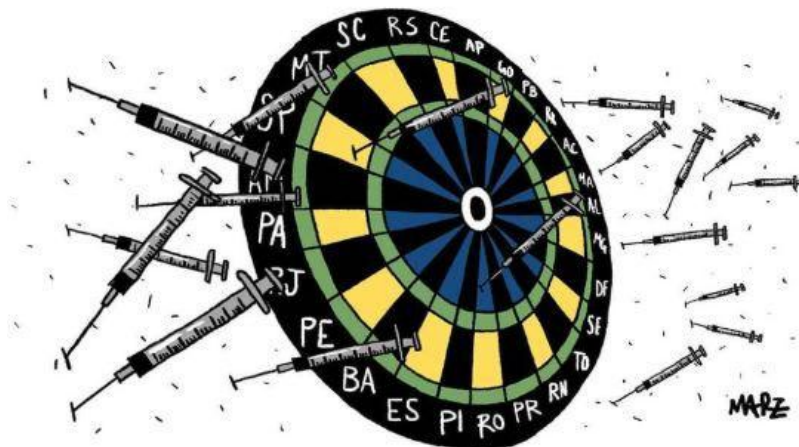


Figura 30: Charge de Marília Marz, publicada na *Folha de São Paulo* em 15 de maio de 2021 e publicada em seu perfil na rede social *Instagram* em 18 de maio de 2021



Figura 31: Tirinha de Marília Marz, publicada em seu perfil na rede social *Instagram*, em 19 de maio de 2020

Carol Ito, jornalista, ilustradora, quadrinista e chargista, também natural da cidade de São Paulo, tem entre seus principais temas de trabalho questões de gênero, relacionamentos e sexualidade, e defesa dos direitos humanos. Ela foi a primeira mulher a desenhar ao vivo no programa *Roda Viva*, após o falecimento do cartunista Paulo Caruso.

Sobre a produção de Carol Ito durante o governo Bolsonaro e a pandemia de *COVID-19*, é possível destacar uma reportagem em quadrinhos produzida para a revista *Piauí*, intitulada *Perigo amarelo*, em que aborda o movimento de ódio às populações amarelas (de descendentes de asiáticos) devido a estigmas pela suposta origem chinesa do vírus da *COVID-19* - sendo ela mesma uma mulher amarela e descendente de japoneses.

98



Figura 32: Primeira página da reportagem em quadrinhos *Perigo amarelo*, da cartunista Carol Ito, para a revista *Piauí*; maio de 2022

Carol Ito foi vencedora da 44ª edição do prêmio de jornalismo Vladimir Herzog na categoria *Arte* devido à reportagem em quadrinhos intitulada *Três mulheres da craco*, publicada também na revista *Piauí*, sobre histórias de vidas de mulheres em situação de dependência química que habitam o espaço segregado da ‘cracolândia’ na cidade de São Paulo e suas angústias e dificuldades durante o período da pandemia de *COVID-19*.

99

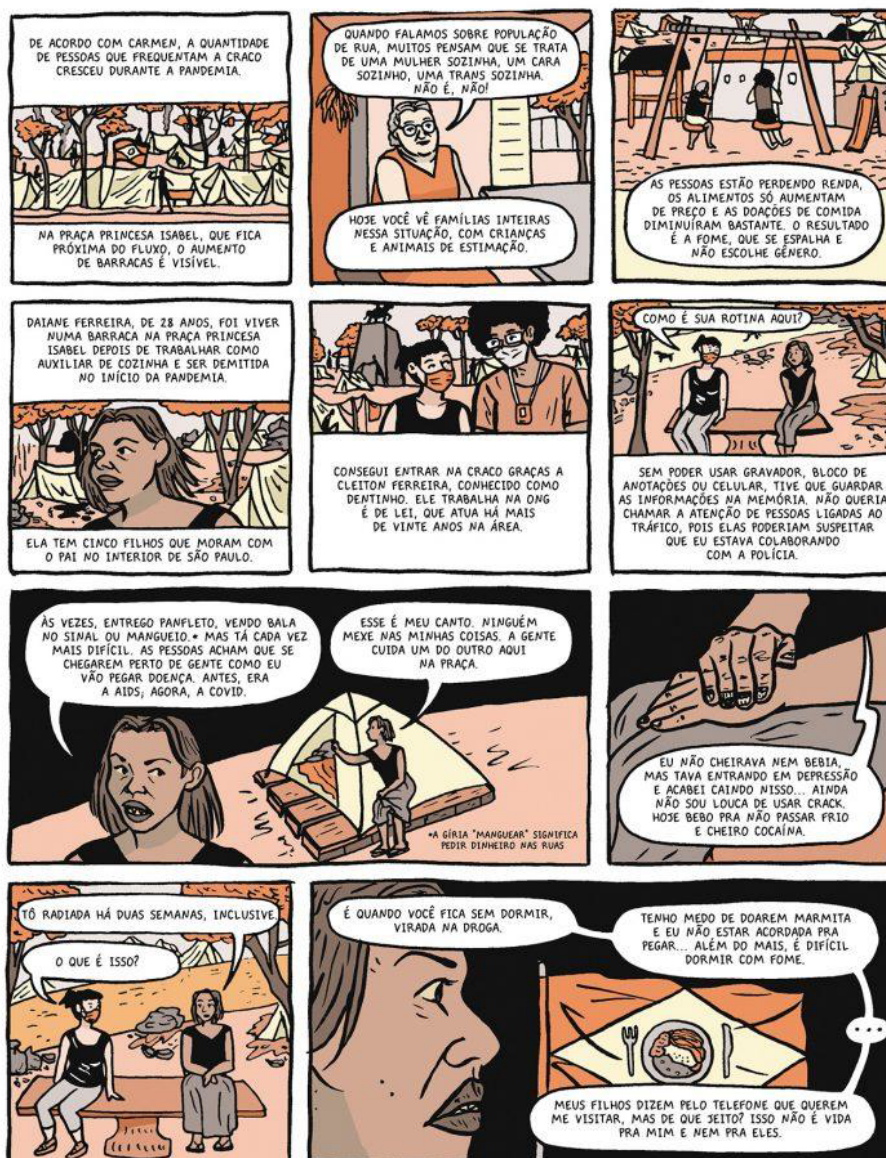


Figura 33: Página 3 do quadrinho “Três mulheres da Craco”, de Carol Ito, publicada na *Revista Piauí* em janeiro de 2022

Nos trabalhos de Carol Ito reproduzidos abaixo, observamos novamente o engajamento da artista na temática do acirramento das

desigualdades sociais e dos dilemas enfrentados pelos grupos mais vulneráveis devido à pandemia. Incluem-se aí o aumento dos ataques armados contra os povos indígenas e seus territórios, as condições de insalubridade vividas pela população carcerária e o enorme contingente de pessoas da classe trabalhadora que perderam suas casas, empregos e passaram à situação de insegurança alimentar no referido período.



100

Figura 34: Tira de Carol Ito publicada em seu blog *Salsicha em Conserva*, sobre ataques contra os povos originários estimulados por medidas do governo Bolsonaro; setembro de 2021

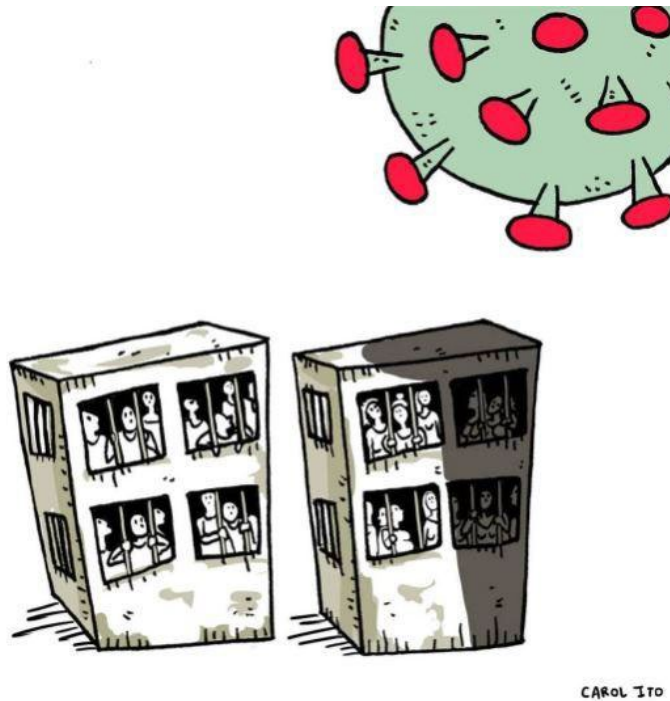


Figura 35: Charge de Carol Ito sobre a vulnerabilidade da população carcerária feminina durante a COVID-19, publicada no perfil da artista na rede social *Instagram* em 25 de março de 2020

101

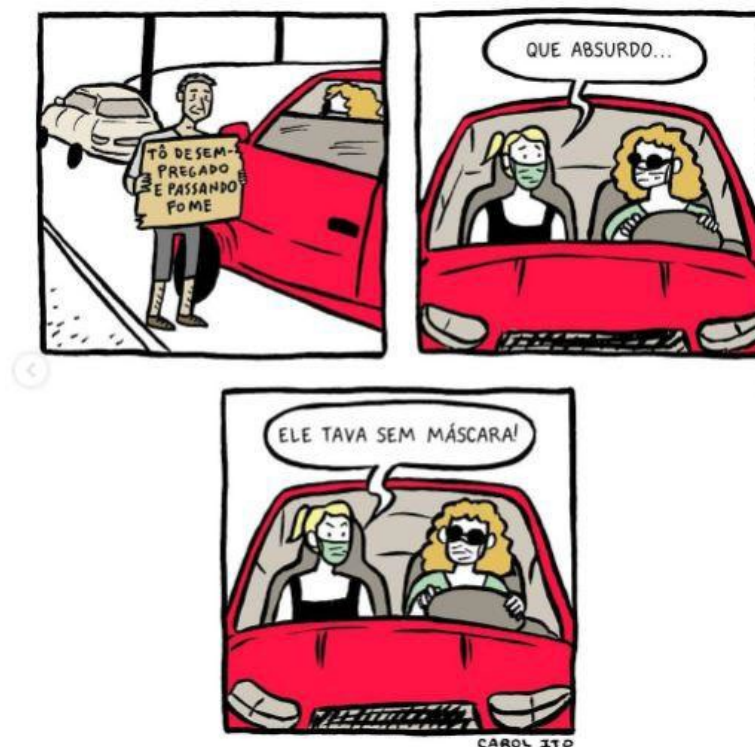


Figura 36: Charge de Carol Ito sobre a insegurança alimentar, desigualdades e privilégios, durante a COVID-19, publicada no perfil da artista na rede social *Instagram* em 22 de março de 2021, produzida para a série 'Novo anormal' da *Revista TPM*

Carol Ito segue engajada na produção de charges e tiras sobre as questões ambientais e urgências climáticas contemporâneas e, na 52ª edição do *Salão Internacional de Humor de Piracicaba*, realizada em 2025, foi agraciada com o prêmio de melhor trabalho na categoria temática do ano no Salão, de *Justiça Climática*.

102



Figura 37: Tiras da cartunista Carol Ito, premiada na categoria *Justiça Climática* na 52ª edição

do *Salão Internacional de Humor de Piracicaba*; registro realizado durante a cerimônia de abertura do Salão, em 30 de agosto de 2025. Fotografia de arquivo pessoal.

Considerações finais

Apesar de historicamente silenciadas, invisibilizadas e socialmente afastadas da política, e de receberem menos visibilidade e espaço que seus contemporâneos do gênero masculino, as mulheres brasileiras seguem produzindo discursos sociais, econômicos e políticos sobre o país através dos quadrinhos e do humor gráfico. Os exemplos de cartunistas como Cica, Conceição Cahú e Hilde Weber no período da ditadura militar, e de Laerte, Carol Ito e Marília Marz, durante o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro e a pandemia de *COVID-19*, revelam as potencialidades da crítica e do humor feminino e feminista, que trazem para a leitura da sociedade brasileira um olhar pautado na alteridade.

As atuações das mulheres cartunistas nos dois períodos históricos analisados demonstram criações de narrativas subversivas, porém sensíveis, sobre o Brasil, com enfoque crítico nas problemáticas que envolvem as categorias de gênero, sexualidade, etnia e classe social. As artistas refletem opiniões políticas progressistas, preocupações com a coletividade, desejo de enfrentamento às injustiças e desigualdades sociais que afligem grupos historicamente oprimidos e às estruturas sociais injustas, autoritárias e conservadoras, em obras que repensam e desafiam os discursos hegemônicos, pluralizando assim as narrativas sobre o Brasil. Este trabalho expressa, portanto, um esforço no sentido de rememorar tais narrativas, marginalizadas e invisibilizadas pelos registros oficiais; daí sua importância para uma compreensão mais ampla e democrática sobre a História do país, retirando do silêncio e esquecimento as vozes nos balões de fala de personagens que muito têm a dizer.

Referências

ACCIOLY, Dante. *Wajngarten, Pfizer e Butantan confirmam demora do governo para comprar vacinas*. Senado notícias. 2021. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/28/wajngarten-pfizer-e-butantan-confirmam-demora-do-governo-para-comprar-vacinas>>. Acesso em: 23 nov. 2025.

AGÊNCIA SENADO. *Pesquisas apontam que 400 mil mortes poderiam ser evitadas; governistas questionam*. Senado Notícias, Brasília, DF, 24 jun. 2021. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-400-mil-mortes-poderiam-ser-evitadas-governistas-questionam>>. Acesso em: 11 nov. 2025.

ARRUDA, Renata. *Ciça: humor pela liberdade*, Revista OGrito!, 2024. Disponível em: <<https://revistaogrito.com/cica-humor-pela-liberdade/>>. Acesso em: 15 de out. 2025

BENJAMIN Walter. “Sobre o conceito da História”. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura* – Volume 1. Série Obras Escolhidas. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BOEHM, Camila. *Covid: 5 anos após 1ª morte no país, documentos expõem negacionismo*. Agência Brasil, Brasília, DF, 12 mar. 2025. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2025-03/covid-5-anos-apos-1a-morte-no-pais-documentos-expoem-negacionismo>>. Acesso em: 10 nov. 2025.

BRASIL. *Lei N° 4.121, de 27 de agosto de 1962*. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/14121.htm>. Acesso em: 13 de out. 2025.

Brasil Mulher - 11. Memórias da ditadura. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/documento/brasil-mulher-11/>>. Acesso em: 14 de out. 2025.

BURKE, Peter. 1937. *O Renascimento Italiano*. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

CAHÚ, Maria da Conceição de Souza. Nós, mulheres, edição nº04, março/abril de 1977. Fundo PT/DN. Acervo CSBH/FPA. Disponível em <https://fpabramo.org.br/csbh/acervo-do-jornal-nos-mulheres/> Acesso em: 25 out. 2025.

CEBES. *Brasil chega à marca de 700 mil mortes por Covid-19*. CEBES, 30 Mar. 2023. Disponível em: <https://cebes.org.br/brasil-chega-a-marca-de-700-mil-mortes-por-covid-19/30825/>. Acesso em: 7 nov. 2025.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura política e política cultural*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/FKYqvPJSw3ChWVF6dbkBJDv/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2025.

Circuito UBU Editora. *Sobcomuns*. YouTube. Canal Ubu Editora. 2024. Disponível em: <https://youtube.com/shorts/GYsMQ2uwC1Y?si=x5RRm72KSGpNFM3u>. Acesso em: 13 ago. 2025.

CIXOUS, Hélène. *O riso da Medusa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

CRESCÊNCIO, Cintia Lima. “‘O humor mostra... como as coisas não devem ser’: uma entrevista com Ciça”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 3, e56148, 2019.

_____. “*Pilulinhas Porretas*” e feministas de Conceição Cahú nos jornais *Brasil Mulher* e *Nós Mulheres* (1976-1978). *Revista de la Red de Intercatedras de Historia de América Latina Contemporánea*. Ano 8, N° 15. Córdoba, dezembro de 2021 - maio de 2022.

DANTAS, Betania. *Humor gráfico na alfabetização visual*. São Paulo: Contexto, 2024.

ENCONTRO HQ – ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE QUADRINHOS E CULTURA POP, 2., 2012, Centro de Convenções da UFPE, *A presença feminina na caricatura e na charge política no século XX (1910 – 1960)*. Maceió: Edufal, 2012, p. 515-530.

ENCONTRO INTERNACIONAL HISTÓRIA & PARCERIAS, 2., 2019. *Os quadrinhos como espaço de memória das mulheres*. Disponível em: https://www.historiaeparcerias2019.rj.anpuh.org/resources/anais/11/hep2019/1569963623_ARQUIVO_602f3d5264457d657b476eb091ee70d8.pdf. Acesso em: 13 de ago. 2025.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Figueiredo disse que preferia o cheiro do cavalo*. Folha de São Paulo, 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u10538.shtml>. Acesso em: 18 de out. 2025.

_____. *Infernópolis* [Charge]. *Instagram: @folhadespaulo*, 19 out. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CGibLPFngzz/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

_____. *Laerte vence prêmio Vladimir Herzog por charge sobre Paraisópolis publicada na Folha*. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/10/laerte-vence-premio-vladimir-herzog-por-charge-sobre-paraisopolis-publicada-na-folha.shtml>. Acesso em: 8 nov. 2025.

_____. *Por charges críticas, entidade de PMs interpela a Folha e quatro cartunistas*. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/por-charges-criticas-entidade-de-pms-interpela-a-folha-e-quatro-cartunistas.shtml>. Acesso em: 5 nov. 2025.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Nós, Mulheres: uma história de resistência*. FCC, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/conteudos/especiais/nosmulheres/>. Acesso em: 7 nov. 2025.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. *Acervo do Jornal Brasil Mulher*. Centro de Documentação e Memória Política Sérgio Buarque de Holanda. FPA, 2023. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csbh/acervo-do-jornal-brasil-mulher/>. Acesso em: 5 nov. 2025.

G1. *Ministro do Meio Ambiente defende 'passar a boiada' e 'mudar' regras enquanto atenção da mídia está voltada para a Covid-19*. G1, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em: 5 nov. 2025.

GONZÁLEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

HANISCH, Carol. *O pessoal é político*. 1969. Disponível em: https://www.academia.edu/40288586/O_Pessoal_%C3%A9_Pol%C3%ADtico_por_Carol_Hanisch. Acesso em: 15 nov. 2025.

HARTOG, François. *O nome e o conceito de História*. In: *Crer em História*. Tradução Camila Dias. – 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LAERTE. *Instagram: @laertegenial*. Disponível em: <https://www.instagram.com/laertegenial/>. Acesso em: 18 de out. 2025.

LOR. *Ciça, mulher, cartunista e poeta*. Blogspot. 2021. Disponível em: <https://lorcartunista.blogspot.com/2021/11/cica-mulher-cartunista-e-poeta.html>. Acesso em: 14 de out. 2025.

MAAKAROUN, Bertha. *Mandetta sobre COVID-19 no Brasil: 'Poderíamos ter evitado metade dos mortos'*. Correio Braziliense, 2023. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2023/05/5092495-mandetta-sobre-brasil-na-covid-poderiamos-ter-evitado-metade-dos-mortos.html#google_vignette. Acesso em: 03 nov. 2025.

MARZ, Marília. *Instagram: @mariliamarz*. Disponível em: <https://www.instagram.com/mariliamarz/>. Acesso em: 15 de out. 2025.

MESSIAS, Carolina Ito. *Perigo amarelo*. Revista Piauí. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/perigo-amarelo/>. Acesso em: 08 de out. 2025.

_____. *Salsicha em conserva*. Blogspot. Disponível em: <https://salsichaemconserva.wordpress.com/>. Acesso em: 13 de out. 2025.

_____. *Três mulheres da Craco*. Piauí, 2022. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/tres-mulheres-da-craco/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

_____. *Um panorama da produção feminina de quadrinhos publicados na internet no Brasil*. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Mórula Editorial. *PTSC#20:: Chiquinha*. 2016. Disponível em: <https://morula.com.br/ptsc/ptsc-20-chiquinha/>. Acesso em: 14 de out. 2025.

MOTEN, Fred; HARNEY, Stefano. *Sobcomuns: planejamento fugitivo e estudo negro*. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

107

NOCHLIN, Linda. *Why have there been no great women artists?: 50th anniversary edition*. 2021. Editora Thames & Hudson.

NOGUEIRA, Natania. “A História Política do Brasil por meio da Charge (1950-1964) (Dossiê História em Quadrinhos: Criação, Estudos da Linguagem e usos na Educação)”. *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 16, n. 02, p. 205-222 de 469, número especial, 2026. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>. Acesso em: 11 de Agosto de 2025.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Tradução Ângela M.S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PINTO, Ciça. *Entrevista à cartunista Ciça Pinto*. [Entrevista concedida à] Luma Ohanna Rodrigues de Amorim. São Paulo, SP. 01 de setembro de 2025.

_____. *O pato no formigueiro - Volume 2*. Rio de Janeiro: CODECRI, 1979.

_____. *Pagando o pato*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

RAMOS, Paulo; CARMELINO, Ana Cristina. *Cronologia dos quadrinhos de Ciça na imprensa brasileira*. Revista 9ª Arte, São Paulo, v. 11, 2023.

SANTOS, Rodolpho Gauthier Cardoso dos. *As charges antiperonistas de Tribuna da Imprensa (1949-1955)*. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 8, n. 18, p. 215 - 248. maio/ago. 2016.

TELLES, Norma. “Escritoras, escritas, escrituras”. In: *História das mulheres no Brasil* / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

UOL. Cultura. *Veja cartunistas que passaram pelo Roda Viva em março*. UOL, São Paulo, 30 mar. 2023. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2023/03/30/6307_veja-cartunistas-que-passaram-pelo-roda-viva-em-marco.html. Acesso em: 5 nov. 2025.

WHITE, Hayden. *Tópicos do Discurso: Ensaios sobre a Crítica da Cultura*. Tradução Alípio Correia de França Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

WEBER, Hilde. *O Brasil em charges: 1950-1985*. São Paulo: Circo Editorial, 1986.

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

RESUMO

Este trabalho busca construir uma leitura sobre momentos políticos do país a partir do humor gráfico produzido por mulheres cartunistas, brasileiras e/ou naturalizadas, que atuaram na imprensa tradicional e/ou nas redes sociais, entre a segunda metade do século XX, como Ciça, Hilde Weber e Conceição Cahú, e início do século XXI, como Laerte, Marília Marz e Carol Ito, distinguindo-as como intérpretes do Brasil.

Palavras-Chave: mulheres cartunistas; humor gráfico; memória política; imprensa; História do Brasil

ABSTRACT

This work aims to build a perspective about political moments of the country from graphic humour made by female cartoonists, Brazilians and/or naturalized, who worked for traditional press and/or social media, since the second half of the twentieth century, such as Ciça, Hilde Weber and Conceição Cahú, to the beginning of the twenty first century, such as Laerte, Marília Marz and Carol Ito, distinguishing them as interpreters of Brazil.

Keywords: female cartoonists; graphic humour; political memory; press; History of Brazil